

Stylete lacaniano é uma revista digital da EPFCL Brasil. Propõe-se a ser o lugar de gravações e traços, marcas e vestígios que se escrevem por aqueles que - cada um com seu *stylo*, suas tintas e suas cores - estão decididos a sulcarem o campo lacaniano. Sempre terreno de aragem, de cortes, ocos, sulcos e plantios. Aqui recebemos curtos textos, cortes cirúrgicos, curtidas estilosas, além de vídeos, imagens, músicas, áudios, imagens-textos, e outras produções que transmitam aquilo que do inconsciente e do gozo se deposita para cada um como sublimação ou *sinthoma*.



21



Zilda Machado

O que é ser um psicanalista?



Raquel Georgetti

As dobradiças que o cartel articula e a devastação



Ernani Francisco dos Santos

Escritos de um cartel: A psicanálise e a religião em uma perspectiva histórica



Gloria Sadala

Poema na pandemia



Daniel Foscaches

Encon(Ou)tro a Sós

editorial

O que se pode transmitir?

*José Maurício Loures**

O inconsciente não é o lugar das divindades da noite [1], já dizia Lacan. O que é ôntico em sua função é a fenda por onde algo é por um instante trazido à luz: aparecimento evanescente entre um instante em que algo é sempre elidido e o tempo de apreensão que não conclui - se trata sempre de uma recuperação lograda [2]. Por isso, transmitir um saber não significa apenas transmitir aquilo que é transmissível, mas fazer com que o não transmissível possa ecoar e produzir ressonâncias.

Nesta edição 21 de Stylete Lacaniano, encontramos trabalhos que buscam fazer ressoar o saber singular de analistas que foram tocados – e nos tocam: por questões que atravessam a nossa formação; pela experiência de estudo a partir da concepção de saber marcado pela falta; e pela criação artística enquanto fazer nunca acabado, que carrega consigo uma opacidade fundamental.

O que se pode transmitir?

Zilda Machado lança um olhar crítico sobre a mercantilização da psicanálise em ofertas de cursos de graduação e convoca o leitor a uma reflexão sobre a formação do analista, partindo da pergunta que é título do seu trabalho: "O que é ser um psicanalista?".

Gloria Sadala nos brinda com a sua obra poética intitulada "Poema na pandemia".

Maria Raquel Georgetti, em "As dobradiças que o cartel articula e a devastação", apresenta um produto de seu cartel sobre o tema da devastação, transmitindo o que pôde decantar não só do assunto em estudo, mas do que foi, para autora, a experiência de "fazer cartel".

Ernani Francisco dos Santos Neto, aborda, a partir de um estudo empreendido em cartel sobre repetição e gozo, os desenvolvimentos freudianos e lacanianos sobre a religião, em "Escritos de um cartel: a psicanálise e a religião em uma perspectiva histórica".

E, por fim, Daniel Acosta Lezcano Foschaches fecha esta edição com sua obra poética intitulada "Encon(Ou)tro a Sós"

Em nossa Galeria de Arte, apresentamos algumas telas de Candido Portinari, importante nome do Modernismo brasileiro que, recentemente, teve algumas de suas obras em exposição no CCBB de São Paulo e do Rio de Janeiro. A mostra "Raros" enfatizou o seu olhar para a natureza, um dos tesouros descobertos no universo de Portinari. Segundo o curador da exposição, De um curioso peru a araras exuberantes, da ira de uma fera à simpatia de uma lebre, como retratista, Portinari eternizou homens e mulheres em telas consagradas, mas extraordinárias são as representações que fez da diversidade da vida na Terra. (Dantas, 2022).

REFERÊNCIAS:

Lacan, J. (1964). O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2008, p. 31.
Lacan, J. (1964). O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2008, p. 38.

*Psicanalista, membro do Fórum Rio de Janeiro, da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.

O que é ser um psicanalista?

Zilda Machado

Nesse momento em que vemos mais e mais atividades prometendo “formação em psicanálise” no Brasil (algumas espúrias), em que se chega ao absurdo da oferta de um curso de graduação em psicanálise assegurando que, com o diploma, o aluno estará habilitado a trabalhar como psicanalista, colocar esta pergunta é fundamental: o que é ser psicanalista?

Em 1926, Freud assevera que a análise é leiga, ou seja, não está no domínio do campo médico e nem mesmo no da psicologia. Em um texto anterior, de 1919, aponta que tampouco a formação se dará no campo da universidade, embora ela possa e deva ser ensinada ali. Nesse artigo, intitulado “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades”, Freud apresenta a importância que esse ensino poderia trazer para a formação de estudantes de medicina e de psicologia, muito embora afirme que na universidade “o estudante jamais aprenderia a psicanálise propriamente dita”. Segundo ele, isso procede “se temos em mente a verdadeira prática da psicanálise. Mas, para os objetivos que temos em vista, será suficiente que ele aprenda algo sobre psicanálise e que aprenda algo a partir da psicanálise”.

Em nossos dias, muitos desses cursos de “formação em psicanálise”, sublinham que não há nenhum pré-requisito ao candidato, nem sequer um curso superior é exigido. Segundo garantem, não há um conselho que regule essa “profissão” no Brasil, por isso ela é livre e pode ser exercida por qualquer um que fizer o tal curso oferecido, que o habilitará à profissão. Aqui está o grande equívoco: para Freud, o criador da psicanálise, estes pré-requisitos existem sim e são vários. Em 1926 no artigo “A questão da análise leiga” ele nos deixa algumas indicações:

“O preparo para a atividade analítica de modo algum é fácil e simples. O trabalho é árduo, e grande a responsabilidade. Mas qualquer um que tenha sido analisado, que tenha dominado o que pode ser ensinado em nossos dias sobre a psicologia do inconsciente, que esteja familiarizado com a ciência da vida sexual, que tenha aprendido a delicada técnica da psicanálise, a arte da interpretação, de combater resistências e de lidar com a transferência – qualquer um que tenha realizado “tudo isso” não é mais um leigo no campo da psicanálise”. (grifo meu)

Duas questões chamam a atenção no que Freud aponta: a responsabilidade do analista e o rigor dessa formação. Por isso ele garante que a psicanálise é leiga (não é um ato médico) e além disso, assegura que qualquer um que tenha realizado “tudo isso” deixa de ser um leigo no campo da psicanálise. Com Lacan, poderíamos dizer: qualquer um que tenha realizado tudo isso “pode autorizar-se psicanalista”, pode responder desse lugar. Mas, lembremos: autorizar-se psicanalista não é auto-ritualizar-se, nos diz Lacan. Não é qualquer um se decidir por colocar uma placa na porta após terminar um curso de “formação”. Não é uma decisão egóica.

Melhor seria então tomarmos o “qualquer um” no sentido não de “um qualquer” mas na acepção significativa - “qual quer?” - aquele sujeito que comparece com seu desejo, esse está engajado em sua formação psicanalítica, cujo mestre é o próprio inconsciente. Isso é o fundamental, portanto: a questão do desejo que move aquele sujeito, lembrando que o desejo do sujeito não é seu querer.

Autorizar-se psicanalista é fruto de uma virada ética que ocorre na economia do desejo do sujeito. Lacan diz que produz-se para ele uma “mutação na economia de seu desejo” só então ele poder dizer “sou possuído por um desejo mais forte” (Sem. 8 p. 187) do que aqueles que me animam como sujeito do inconsciente. Um desejo inédito, portanto, inexistente até então, fruto da metamorfose que experimenta o sujeito dentro do próprio procedimento analítico. Em suma, é fruto da análise do analista. Não se trata do acúmulo de conhecimento do sujeito, é um saber diferente, pois estamos no campo do saber inconsciente que nos habita.

Prosseguindo, no Seminário 12 (p. 325) Lacan nos diz:

“Ser psicanalista é uma posição responsável, a mais responsável de todas, uma vez que ele é aquele a quem está confiada a operação de uma conversão ética radical, aquela que introduz o sujeito na ordem do desejo. (...). Quais são as condições requisitadas para que alguém possa dizer, a si mesmo, eu sou psicanalista?”

No Seminário 15, O Ato psicanalítico (lição de 08/02/68) Lacan continua: “na medida em que esse termo ‘psicanalista’ é colocado em posição de qualificação, quem, o que pode ser dito ... predicado: psicanalista?”.

Depois, no Seminário 21, Os não-tolos erram (lição de 09/04/74) retorna à questão: “Posso eu sê-lo? Autorizar-me, isso ainda vai, mas sê-lo é uma outra coisa. É aí que, evidentemente, se forja o que enunciei do verbo des-ser. O analista, eu o dessou: o objeto a não tem ser”.

Tomar esta questão é ir ao cerne do que é a formação do analista, tema ao qual Lacan dedicou todo o seu ensino. Muito embora ela inclua o “tudo isso” apontado por Freud, a formação em psicanálise coloca o acento principal na análise do analista, na mutação na economia do desejo do sujeito que ali pode ocorrer. O que habilita um ser humano qualquer, que entrou um dia em análise, a ali, dentro deste dispositivo, se autorizar psicanalista? Quem e quando alguém poderá dizer “eu sou psicanalista”, sem estar na impostura? O que nos coloca aptos a sustentar o discurso analítico e a acolher aquele que traz seu sofrimento à nossa escuta? Quem poderá fazê-lo sem ser por samaritanismo ou por vontade de poder e de gozo sobre o outro?

O mestre na psicanálise é o Inconsciente – o saber sem sujeito que habita cada um de nós. Portanto, o mestre da transmissão da psicanálise é o saber inconsciente. É esse saber insabido que o sujeito porta que ele transfere a um analista – aquele no qual ele enganchou sua questão por localizar nele, por um Significante qualquer, o parceiro de seu inconsciente. Erige-se assim o “Sujeito suposto saber”, lugar ocupado pelo analista, mas que não se confunde com ele.

Ao final da análise, há a queda do Sujeito suposto saber. Do analista não resta nada, há o des-ser do analista, nos diz Lacan. É bom repetir: da função analista não resta nada. Na subjetividade daquele que era analisante não restará traços desse parceiro se a análise for até o final, pois a identificação ao analista não é índice de final de análise. O que resta, é claro, é somente um afeto especial – a gratidão – pelo outro, meu semelhante, que topou sustentar este lugar para mim pelo tempo necessário até a conclusão da análise.

Esta aventura está aberta a todo aquele que estiver sofrendo com seu sintoma, com a inibição, ou assolado pela angústia e tiver, por uma contingência, o encontro com um analista. Aí ele pode vir a entrar em análise, uma experiência que transforma aquele que nela se aventura. Ela não restaura um estado anterior. É um tipo diferente de cura. A análise é um tratamento pela palavra daquilo que a palavra engendrou. Ela leva o sujeito a, amando, encontrar aquilo que lhe falta. E leva o sujeito também a fazer uma outra tradução da falta fundamental que ele primeiro experimenta como perda, no complexo de castração. Agora a falta fundamental encontra outra tradução: é causa de desejo. Tudo isso é fruto da metamorfose ocorrida no âmago do sujeito que provocou o desejo novo: o desejo do analista.

Assim se transmite a psicanálise e não há outra maneira. Não há maneiras de se ensiná-la. Não é algo da ordem do conhecimento. A psicanálise é um saber, palavra que tem a mesma raiz etimológica de “sabor”. É um saber que se experimenta, encarnado, que tem a ver com o saber inconsciente que se porta e que se vai cernindo durante o processo analítico, não para acessá-lo, descobri-lo ou torna-lo consciente, embora muitas vezes aconteça aquilo que comumente se chama insight, quando algo como um “cair a ficha” acontece. O inconsciente é inconsciente e restará assim, mas a análise, quando vai até o fim, leva ao limite onde o saber inconsciente se reduz subjetivamente ao insabido, em cujas malhas o sujeito se percebe enganchado.

Ponto de horror, onde muitas vezes alguns param por não querem nada saber. Outros, como Édipo, gritam: “me phynai”, depois de ter arrancado seus olhos: “preferia não ser, preferia não ter nascido: preferia não ter nascido assim”. Mas aí não seria um ser falante, pois essa é a estrutura. O psicanalista é aquele que enfrenta isso e ao invés de lamento ou de horror, lhe advém entusiasmo com a estrutura, pois pôde sacar a jogada e também romper com a programação inconsciente na qual estava preso como a um destino. Uma pequena liberdade de inventar a vida, criar, fora dos limites da repetição.

Todo o trabalho de elaboração de saber na psicanálise advém daí. Tornar-se psicanalista, portanto, não é algo que se alcance com um curso e um diploma. Estudar é fundamental, é um dos tripés da formação psicanalítica (sendo o terceiro a supervisão), mas esse estudo é diferente, nele o sujeito põe de si, ou seja, o operador na psicanálise está absolutamente dentro do negócio.

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Belo Horizonte.

Poema na pandemia

Gloria Sadala

as ondas do vento
na pele dourada
a sexta-feira em casa
um sol de verão
banho na cobertura
o corpo nu
a companhia das plantas
o colorido das tintas
um quadro pintado
o umbigo no fogão
a comida na hora
o vinho à mesa
a geleia francesa
o docinho de sobremesa
a hora de estudar
o enlace com a máquina
um texto escrito
a poesia de dia
o silêncio
a música ...
filmes e séries
o afeto dos amigos
o marido ao lado
o lanche da tarde
o baillinho de Carnaval
lua cheia na janela
o amor à espera.
Se não fosse a tragédia
isso seria a felicidade!

Rio, 29/01/2021

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Rio de Janeiro.

stylete lacaniano. ano 6. número 21.

[voltar](#)

As dobradiças que o cartel articula e a devastação

Maria Raquel Georgetti

O ano era 2019, o mês julho, estávamos na primeira jornada de inverno do FCL Região Serrana e surgiu a ideia de um Cartel sobre a devastação. Seis meses antes, ao final da minha especialização, escrevi um trabalho com este tema. Esse trabalho era um recorte clínico/teórico que tentava falar da devastação não apenas na relação mãe e filha, mas também na relação mãe e filho. O trabalho me gerou muitos questionamentos e a ideia de aprofundar o estudo foi estimulante.

Apesar de já participar de um outro cartel, esse tema veio juntamente com a pergunta: o que é na realidade fazer cartel?

Iniciei dizendo o que compreendi até o momento. Cartel não é um grupo de pessoas que se reúnem para a troca de ideias, não é um grupo de estudo ministrado por alguém mais “experiente”, ou com um percurso de estudo mais logo do que os outros, pois essa ideia produziria uma identificação imaginária a um líder, a um mestre (Como Freud já postulava em Psicologia das Massas, de 1921).

O cartel tem por início um projeto individual de cada participante que pode, ou não, se transformar em um produto ao final do percurso de estudo.

Uma outra diferença entre cartel e grupo de estudo, que se evidenciou para mim, é a ideia que desde o início o cartel tem em seu horizonte um fim e isso faz com que o mesmo funcione como um tempo lógico, a cada corte um novo saber se produz.

Essa ideia de fim não ficou para mim como um ponto final, como acredito que não o seja, pois, assim como na análise, um corte tem por proposta produzir um saber. O tempo limitado do cartel acaba por produzir o mesmo efeito.

Ao final destes dois anos de estudos sobre o feminino e a devastação, posso afirmar que o saber sobre o tema é ainda incipiente, mesmo assim, me possibilitou algumas conclusões.

Em primeiro lugar, pude entender que existe uma diferença entre relações devastadoras e o fenômeno da devastação. Sobre a primeira, eu diria que todo ser humano viveu, em alguma instância essa devastação com sua própria mãe. As mães, em nome do amor, devastam filhos e filhas ao ponto de certa vez ter escutado um paciente dizer: “Minha mãe precisa de limites”. Porém o fenômeno da devastação é algo mais elaborado e destruidor. Hoje, após dois anos de estudo, eu diria que os meninos possuem, até por sua anatomia, um aparato de defesa. Já com as meninas, a mãe investe algo do seu desejo, como se não sobrasse espaço para essa filha desejar, para essa filha “SER” para além dela. Trata-se de querer fazer “Um”.

Um fato que considero importante destacar é que aquela que devasta é a mãe, não a mulher. É a falta de olhar para além daquele filho que faz com que se instale o fenômeno da devastação. É pela via do amor e pela necessidade dele, um amor sem medida, que a mãe devasta.

Lacan, em seu texto Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein, coloca um olhar sobre a história de uma mulher abandonada pelo noivo, praticamente às vésperas do casamento. Lol vê seu noivo ser levado por uma mulher vestida de negro e ao ver essa mulher levá-lo, vê também sendo levado todo o brilho de sua vida. Assim, o que lhe resta é viver em busca desse desejo perdido, não o amor do noivo, mas o saber dessa mulher que soube despertar o desejo de um homem. E o que resta a partir dali, nos ensina Lacan nos Escritos (1965): “é o que diziam de você quando você era pequena, que você nunca esteve realmente ali.”, Mais adiante, neste mesmo texto, Lacan fala sobre as variações da dor de viver, da dor de perder, não o objeto de amor, mas a dor de perder aquilo que causa o desejo.

Ao finalizar, penso na frase; “O cartel é uma dobradiça”. Penso nessa frase e na realidade que ela traz, pois como disse Gláucia Nagem, “sem a dobradiça a porta será apenas um muro”, a dobradiça articula, abre a possibilidade de outro olhar e, ao se manter articulando, não encerra a busca pelo saber.

Como acredito que a arte é início e muitas vezes fim, trago a música de Chico Buarque Pedaco de Mim e pensamentos em frases soltas e ao mesmo tempo articuladas desses dois anos de estudo.

Pedaços (de Raquel Georgetti)

Pedaços que nem juntos formam um
Pedaços de quebra cabeça que não formam imagem,

Pedaços que mostram sombras do que nunca foi
Máscaras na face e na vida que são vultos de algo que nunca será
Máscaras de amor que apaga que escreve e se inscreve no que deveria ter sido
Amor que foi sem ter sido
Amor que prende e não complete
Porque nem o completo se completa
Pedaços só pedaços

REFERÊNCIAS:

FREUD, Sigmund "Sobre a Sexualidade Feminina" 1931 Ed. Autêntica 2018
FREUD, Sigmund "Feminilidade" 1933 Ed. Autêntica 2018
DURAS, Marguerite O deslumbramento de Lol V Stein - 1964
LACAN, Jacques - Outros Escritos 2003 – Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein 1965 pág 198
LACAN, Jacques - Outros Escritos 2003 – O aturdido pág 465 (1972/2003)
da Rocha Miranda, Elizabeth - Desarrazoadas 2017

Dados da autora: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Região Serrana/RJ.

stylete lacaniano, ano 6, número 21.

[voltar](#)

Escritos de um cartel: a psicanálise e a religião em uma perspectiva histórica

Ernani Francisco dos Santos Neto

A teoria psicanalítica sempre foi atravessada pela religião, comumente entende-se que seu fundador concebeu a religião como uma forma de neurose universal, uma ilusão. Em vários textos de sua obra, Sigmund Freud se propõe a elaborar uma interpretação psicanalítica da psicogênese e da natureza do fenômeno religioso, assim como, analisa o significado dos ritos e das ideias religiosas (MACIEL et al 2008).

No ano de 1907 em *Atos obsessivos e práticas religiosas*, Freud aborda os cerimoniais neuróticos como um primeiro indício de uma série de semelhanças entre as práticas religiosas e a neurose obsessiva. Estes cerimoniais, de onde derivam os sintomas obsessivos, consistem em pequenos acréscimos, restrições ou arranjos que devem obedecer a certas leis que tornam o seu funcionamento rígido, repetitivo e ordenado, sendo qualquer falha geradora de angústia. Essas características remetem a certa sacralidade desses atos, aproximando-os dos atos ritualísticos religiosos (FREUD, 1996a).

Em 1911 a questão religiosa volta à cena na psicanálise através das *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. O caso de Daniel Paul Schreber (memórias de um doente dos nervos) no qual, Freud abordará a psicose. (FREUD, 1996b)

Em 1913 na obra *Totem e Tabu*, Freud (1996d) descreve a passagem da natureza à cultura além de tratar da origem da religião e da moralidade. Ele tenta, especificamente, explicar o totemismo. Freud recorre às colocações sobre a horda primitiva de Darwin onde um pai ciumento e violento, ou um macho dominador e tirânico, que possuía todas as fêmeas para si próprio e expulsava os filhos de seu convívio. Ele então elabora uma descrição sobre um fato que poderia ter ocorrido nessa época, o qual chamou de o "mito científico"

Já em 1927 na obra *O futuro de uma ilusão vista como a culminância de suas reflexões acerca da religião*, Freud demonstra que as ideias religiosas surgiram da necessidade de que se originam todas as outras realizações da civilização, isto é, da necessidade de defesa contra a força esmagadoramente da natureza. Freud (1927) descreve as religiões como ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e permanentes desejos da humanidade. A religião é vista como uma defesa contra o desamparo infantil, ela emprestaria suas feições características a reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer, reação que é exatamente a formação da religião.

No ano de 1930 em *O mal-estar na civilização*, Freud apresenta como tese o fato da cultura produzir um mal-estar no ser humano diante do antagonismo irremediável entre as exigências da pulsão e as restrições da civilização. Ele destaca a função da religião como conservadora da sociedade humana. A religião responderia a um anseio de um pai poderoso que oferece segurança e proteção (FREUD, 1996f).

Em 1939, *Moisés e o monoteísmo*, objetivando conhecer as origens do monoteísmo especificamente judaico e cristão Freud retoma a tese definida em *Totem e Tabu*. Enfoca a passagem do estágio sensorial ao estágio intelectual da humanidade e realiza uma analogia entre a psicologia individual e a de grupo aplicando-as a história do povo judeu, o que corrobora a sua teoria da neurose e da religião apontando os fenômenos que se manifestam no indivíduo e no grupo. (FREUD, 1996g).

Na década de 1970 Jacques Lacan propõe a retomada dos textos freudianos causando conseqüentemente uma virada metodológica e epistemológica. No que toca a religião na obra de Lacan, Julien (2010), coloca que Lacan falou da relação psicanálise e religião partindo de dois textos de Freud sobre a gênese da religião, especificamente, *Totem e Tabu* e *Moisés e o Monoteísmo*: três ensaios, um de 1913 e outro de 1939.

Tratando especificamente da religião, Lacan comunga no primeiro momento com as ideias freudianas, todavia separa a psicanálise da religião. A psicanálise é vista como um mal-estar e a religião como a cura. Ele reconstrói a finalidade da religião que seria servir de elemento de cura pra a humanidade sem sentido (CUNHA, 2012). No segundo momento, uma posição contrária. Se a psicanálise através do seu criador assumia até então uma posição pessimista acerca da religião com Jacques Lacan será postulada o triunfo da religião.

O triunfo da religião é fruto de uma entrevista coletiva realizada em 29 de outubro 1974 por ocasião de um congresso em Roma no Centro Cultural Francês. Lacan foi interrogado por jornalistas italianos acerca do triunfo da religião sobre a psicanálise. Ele responde enfaticamente: "Se a psicanálise não triunfar sobre a religião, é por que a religião é inquebrantável. A psicanálise não triunfará: sobrevivera ou não". (LACAN, 2005, p. 65).

Quando questionado sobre sua certeza Lacan responde: "Sim. Não triunfará apenas sobre a psicanálise, triunfará sobre muitas outras coisas também". Ele ressalta: "É inclusive impossível imaginar quão poderosa é a religião" (LACAN, 2005, p. 65).

Verifica-se que a teoria psicanalítica, pensada historicamente, apresenta dois momentos em face da religião. Freud vê a religião como uma neurose universal, uma ilusão, nas suas concepções, a religião serviria de medida substitutiva para tamponar a falta existencial do homem. Todavia, para Lacan é possível dar-lhe outra qualificação muito mais valorizada, embora ele mesmo não deixe de tratá-la como uma esquizofrenia coletiva, mesmo reconhecendo suas qualidades (LACAN, 2005). Ambos compartilham que pelo homem ser um ser faltoso - o desejo é impossível de ser plenamente satisfeito assim o sujeito é limitado, finito faltoso. Diante de sobrevivência da religião na modernidade Freud acreditava que o avanço da psicanálise seria uma medida substitutiva tão forte quanto à religião, assumindo uma postura pessimista frente à religião, já para Lacan a religião triunfa (LACAN, 2005).

NOTA: O Cartel Repetição e Gozo foi constituído de psicanalistas participantes e membros do Fórum do Campo Lacaniano de Juiz de Fora. O cartel foi finalizado no ano de 2018.

REFERÊNCIAS:

- CUNHA, Gladson. Qual é o futuro da ilusão? A religião no pensamento lacaniano e sua contribuição para a psicanálise com base na leitura de o Triunfo da Religião. Dissertação de Mestrado programa de pós graduação em ciências da religião – UFES.Rev. História e sociedade pág. 138-162. V.10 n.1. 2012.
- FREUD, Sigmund. Atos obsessivos e práticas religiosas (1907).In: FREUD, Sigmund. "Gradiva" de Jensen e outros trabalhos (1906–1908). Obras completas de Sigmund Freud, Vol. IX, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: imago, 1996a.p. 109-120.
- _____. Sigmund, 1856 – 1939. O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913) Obras completas de Sigmund Freud. Vol. XII, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: imago, 1996 b.p.21-89.
- _____. Sigmund, 1856 – 1939. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). Duas histórias clínicas (o " Pequeno Hans" e o " Homem dos Ratos" (1909). Obras completas de Sigmund Freud. Vol. X, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: imago, 1996c.p. 137-217.
- _____. Sigmund, 1856 – 1939. Totem e Tabu e outros trabalhos (1913- 1914) Obras completas de Sigmund Freud, Vol. XIII, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: imago, 1996d.p.13-167.
- _____. Sigmund, 1856 – 1939. O futuro de uma ilusão. In:FREUD Sigmund.O futuro de uma ilusão, o Mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927- 1931). Obras completas de Sigmund Freud. Vol. XXI, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: imago, 1996e.p. 15-64.
- _____. Sigmund, 1856 – 1939. O mal estar na civilização. In:FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão, o Mal-Estar na civilização e outros trabalhos (1927- 1931). Obras completas de Sigmund Freud. Vol. XXI, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: imago, 1996f.p.73-158.
- _____. Sigmund, 1856 – 1939. Moisés e o Monoteísmo, Esboço de psicanalise e outros trabalhos (1937 – 1939).Obras completas de Sigmund Freud. Vol. XXIII, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: imago, 1996g.p.15-148.
- JULIEN, Philippe.A Psicanálise e o Religioso: Freud, Jung, Lacan/ Philippe Julien; tradução Cláudia Berdinner; revisão técnica Marco Antônio Coutinho Jorge – Rio de Janeiro: Zazar, 2010.
- LACAN, Jaques, 1901 – 1981. O triunfo da religião, precedido de Discurso aos católicos/Jaques Lacan; tradução, Andretelles; revisão técnica, RamMandil – Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2005.
- _____. Entrevista à imprensa do Dr. Lacan. Disponível em: <<http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?urlarticle=jlacan031105>>. Acesso em: 08/04/2018.
- MACIEL, et al. Dois discursos de Freud sobre a religião. Rev. Mal-Estar Subj.[online]. Vol.8, n.3, pp. 729-754. ISSN 2175-3644. 2008.

Dados do autor: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Juiz de Fora.

stylete lacaniano. ano 6. número 21.

voltar

Encon(Ou)tro a Sós

Daniel Acosta Lezcano Foscaches

Encon(O... - Daniel Acosta Le...



00:00 / 05:14

Te vejo e as luzes que invadem meu corpo me captam, ao passo que as marcas de um outro impactam poética, métrica e esteticamente o ser.

O que eu vejo me indica o exato tamanho dos passos, em um instante, vincula todos os meus traços mimética, ascética e eticamente a você.

Ensejo as cores que vibram e as flores que exalam, as dores que gritam e amores que amparam, fragmentos que nunca cessam de não se escrever.

Desejo, um espaço, um vazio entre as letras que calo, perguntas sobre o que fazer para eu amá-lo e, ao não responder, desejante te faço ascender.

Existo no Outro, deslizo de um ponto a outro, desejo na falta do Outro.

Resisto no ponto de encontro, no efeito da fala do Outro, perfeito encon(Ou)tro a sós.

Não vejo além da paisagem, vestígios, miragens, um eu que se faz na refletida imagem, ilusão da realidade em que preciso crer.

Desvejo e por trás do objeto uma sombra se alastra e no meu caminho impõem-se pilastras que eroticamente esculpi sem sequer perceber.

Revejo rabiscos que achava que eram meu retrato com alguém a quem suponho um saber tão exato, desfaz o sentido e escancara o meu todo não ser.

Lampejo, é assim que sinto sua fala e seus atos, cortando desata e reata os meus laços para menos neuroticamente eu aparecer.

Existo no Outro, deslizo de um ponto a outro, desejo na falta do Outro.

Resisto no ponto de encontro, no efeito da fala do Outro, perfeito encon(Ou)tro a sós.

Dados do autor: Membro da EPFCL-Brasil, Fórum Mato Grosso do Sul.